

## A “Filosofia do nós”: Ubuntu como campo fértil para um futuro alternativo possível

ROGÉRIO BIANCHI DE ARAÚJO\*

**Resumo:** A tendência é que tenhamos cada vez mais artigos acadêmicos publicados que abordem e questionem os preceitos éticos de nossa existência no século XXI. As crises ambientais, econômicas, políticas e sociais são crescentes. Nesse artigo pretendo trazer a cosmovisão africana Ubuntu para pensar a utopia concreta do estabelecimento de diretrizes éticas planetárias para um devir em que a valorização do “eu” se alinhe com a perspectiva do “nós” para a conscientização e enfrentamento de nossos erros, equívocos e injustiças cometidos ao longo da História.

**Palavras chave:** Ética; Ubuntu; utopia; cosmovisão.

**The “Philosophy of us”:** Ubuntu as a fertile field for a possible alternative future

**Abstract:** The trend is that we have more and more published academic articles that address and question the ethical precepts of our existence in the 21st century. Environmental, economic, political and social crises are growing. In this article, we intend to bring an African worldview Ubuntu to think of a concrete utopia of establishing planetary ethical guidelines for a become that values "I" aligns itself with a perspective of "we" for raising awareness and facing errors, mistakes and injustices committed to throughout history.

**Key words:** Ethics; Ubuntu; utopia; worldview.



\* **ROGÉRIO BIANCHI DE ARAÚJO** é Doutor em Antropologia pela PUC/SP e Pós-Doutor em Estudos sobre a Utopia pela Universidade do Porto. Atualmente é professor do curso de Ciências Sociais e do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Catalão (GO).

## Introdução

Vivemos em tempos de extremo individualismo. Hábitos arraigados por uma sociedade de consumo geram crises ambientais e sanitárias, além de aumentar o fosso da desigualdade econômica e social mundo afora. Entre tantas propostas alternativas para que criemos um novo paradigma e um novo modo de convivência e relação com o meio ambiente, é possível ouvir cada vez mais forte as vozes dos nossos antepassados negros e indígenas, o quanto eles têm a nos ensinar em suas filosofias de vida e sua relação com a natureza.

Nesse artigo, procuro abordar particularmente a filosofia ancestral africana Ubuntu, já que a ancestralidade é um elemento chave para o entendimento e compreensão humana e que está profundamente enraizada na cosmovisão africana<sup>1</sup>

O conceito Ubuntu é derivado de um provérbio xhosa (da África do Sul): *Ubuntu ungsmntu ngabanye abantu*, o qual pode ser traduzido por: “A humanidade de cada indivíduo é mais bem expressa em relação com outros indivíduos” ou “Uma pessoa depende de outras pessoas para ser alguém”.

Dentre toda ajuda possível para regeneração ética do planeta a filosofia Ubuntu é, não só necessária, mas urgente. Ela contrapõe o dualismo cartesiano do pensamento ocidental, fechado em si mesmo, a um mundo como uma teia de relações entre o divino, a comunidade e a natureza. Essa perspectiva filosófica propõe agregar,

reunir, religar e não separar, ainda mais, campos de conhecimento e de perspectiva de vida que outrora estavam em maior harmonia.

O Ubuntu tem sido uma expressão vivida de uma filosofia coletiva ética entre os povos sul-africanos há séculos. As epistemologias do sul auxiliam a buscar alternativas a esses modelos econômicos políticos totalizantes que nos empurra para a miséria e para a imensa desigualdade social que assola o planeta. Dessa forma, Ubuntu vai de encontro à compreensão da diversidade epistemológica do mundo, à compreensão de que existem outros saberes para além da ciência e da técnica e que superam a lógica da relação colonial de exploração e dominação. A colonização epistêmica é, sem dúvida, o eixo mais difícil de criticar de maneira transparente e inteligível.

A abertura à filosofia, ética e epistemologia Ubuntu sugere a descolonização do imaginário, segundo o qual a África é marcada pela pobreza e violência, sem nada para se orgulhar, tanto ética, estética, social e politicamente. Ao contrário, são inúmeras as contribuições africanas. Descolonizar o imaginário é a denominação dada pelo filósofo Serge Latouche (2009), para a qual deixemos de pensar de acordo com o que nos fora ensinado, seriam criadas novas formas de experiências de vida, além de promover um ato essencial para a abertura de novas formas de perceber e enxergar futuros alternativos possíveis. E o Ubuntu talvez seja uma das contribuições mais marginalizadas e que

<sup>1</sup>O prêmio Nobel da Paz, o bispo sul-africano Desmond Tutu, uma vez explicou: “*Ubuntu é a essência do ser humano. Você não pode viver isoladamente, você não pode ser humano se é só. Uma pessoa com ubuntu está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons ou maus, e tem consciência de que faz*

*parte de algo maior e que é tão diminuída quanto seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos*”. Disponível em <https://domtotal.com/periscopio/1176/2011/09/s-ou-quem-sou-porque-somos-todos-nos/>. Acesso em 26/05/2020.

ainda não se realizaram, justamente por se opor à lógica dominante econômica que valoriza o individualismo e a meritocracia ao renegar a comunhão e a solidariedade a um segundo plano. Segundo Ramose, (2010, p. 8).

Ubuntu é um termo que se encontra em várias línguas banto. Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “ubu” e “ntu” no grupo nguni de línguas; botho, “bo” e “tho”, no grupo sotho de línguas; e hunhu, “hu” e “nhu” em xona. É um conceito filosófico no sentido comum da filosofia como amor à sabedoria. Mas é também um conceito filosófico no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta última acepção, o ubuntu tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética.

Meu objetivo aqui é pontuar a necessidade de uma utopia concreta no sentido de criar uma Ética Mundial, sobretudo a partir do que os povos originários têm a nos ensinar. Não vou me prender à questão se a filosofia Ubuntu obteve ou não êxito na prática ou se serviu ou não de orientação política em algum momento histórico ou território específico. Minha opção é pensar o Ubuntu como uma cosmovisão carregada de utopismo no sentido do que nos fala o filósofo marxista Ernst Bloch (2005), ou seja, a utopia como o ainda não consciente, o não realizado, mas realizável. Como afirma o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, “A utopia concreta é a que está a ser realizada por sujeitos concretos de histórias concretas. A utopia concreta é a experiência incarnada de uma aposta concreta num futuro a concretizar” (SANTOS, 2016, p. 157).

## **O ethos do Ubuntu**

A África é considerada o berço da humanidade e das civilizações. Vários fósseis encontrados comprovam que os primeiros de nossa espécie são oriundos do continente africano. Temos a África como marca registrada em nosso DNA. No entanto, o continente é rotulado pela fome, pobreza, guerras, epidemias, extermínios em massa, etc. No Brasil, principalmente, dá-se a impressão que a História da África é marcada exclusivamente pelo tráfico de escravos.

Na filosofia Ubuntu, toda existência é sagrada. Há uma espécie de consciência ecológica e uma visão holística em que há um pouco de divino em tudo o que existe. Isso implica numa religação do humano com o cosmos e com a natureza. Segundo a filosofia africana, a manutenção do equilíbrio cósmico, em grande parte é de responsabilidade do próprio ser humano. Para Ramose, Ubuntu é uma fundamentação filosófica da filosofia africana entre os povos de línguas bantas.

Filosoficamente, a melhor forma para aproximar-se deste termo é tomá-lo como uma palavra hifenizada, ubu-ntu. Ubuntu é atualmente duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu- e na raiz ntu. Ubu evoca a ideia da existência, em geral. Abrindo-se à existência antes de manifestar a si mesmo na forma concreta ou no modo de existência de uma entidade particular. Ubu aberto à existência é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, ubu é sempre orientado para um ntu. Em um nível ontológico, isto não é uma separação e divisão estrita e literal entre ubu e ntu. Ubu e ntu não são radicalmente separáveis e realidades

irreconciliavelmente opostas. Pelo contrário, são mutualmente fundadas no sentido em que são dois aspectos da existência como uma unicidade e inteireza indivisível. Portanto, *ubu-ntu* é uma categoria ontológica e epistemológica no pensamento africano dos povos de línguas bantas. É a indivisível unicidade e inteireza da epistemologia e ontologia. *Ubu* é geralmente entendido como a existência e pode ser dito como uma ontologia distinta. Enquanto *ntu* é um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento, que pode ser epistemologicamente distinto (RAMOSE, 1999, p. 49)

Segundo o preceito ético *Ubuntu* nós só somos uma pessoa por meio de outras, mas não se restringe a uma perspectiva antropocêntrica no sentido iluminista do termo, somos uma pessoa também a partir da convivência com todos os outros seres do Universo. Trata-se de uma ética do cuidado em que temos responsabilidade para com o outro humano e para também com todos os outros seres não-humanos, cuja noção de interconexidade está implícita. Somos seres livres que temos uma existência tanto no singular quanto no plural.

As implicações mais cruciais do pensamento do novo paradigma para a política atual, e para a sociedade como um todo, dizem respeito à noção de interconexidade, que está no próprio âmago do novo paradigma, esse sentido de pertencer, que nós compreendemos como o cerne da experiência religiosa. Uma maneira pela qual a interconexidade entra em cena na política está no reconhecimento da interconexidade dos problemas. Os problemas mais importantes de nossa época não podem ser

entendidos isoladamente (CAPRA, 1991, p. 149)

Na busca de equilíbrio adequado entre a singularidade e alteridade, entre o *ser* e o *vir-a-ser*, o *Ubuntu* pode ser um caminho viável. Afinal, só nos tornamos únicos e singulares por meio da conexão e ajuda com os outros. A falta desse equilíbrio é, sem dúvida, um problema básico da existência humana.

Segundo Bas’Ilele Malomalo (2010), o antropocentrismo africano é “relativista”, ao contrário do antropocentrismo absolutista que tem criado as condições críveis para a autodestruição da humanidade. Nem tudo que o ser humano deseja depende de sua vontade absoluta. Deve-se levar em conta a vontade dos orixás e dos ancestrais. O paradigma civilizatório negro-africano estabelece uma comunicação entre o ser humano e o sagrado, dos vivos com os mortos e com as forças cósmicas e divindades. Segundo Malomalo, “a vontade das divindades, geralmente, concretizam-se pela vontade dos orixás e ancestrais presentes na sabedoria popular, nos mitos. Os sacerdotes e pessoas mais velhas vivas têm o papel de interpretá-la através dos ritos e práticas do cotidiano” (MALOMANO, 2010, p. 21).

Uma pessoa com *Ubuntu* tem a plena consciência de que a humilhação e a dor dos outros também vão lhe afetar de alguma maneira. A necessidade de união e consenso nas tomadas de decisão é uma de suas máximas. O *Ubuntu* deixa aberta a real possibilidade da instauração de um *ethos* de solidariedade em que pese o sentido de comunidade cósmica, portanto, podemos ressaltar a força de uma filosofia e de uma ideia que pode ser colocada em prática em qualquer lugar do planeta. Estamos falando de um *ethos* polissêmico humanista e religioso. Para Haws, “de fato, o *ubuntu* é tanto

humanista quanto religioso (talvez sem afirmar uma dicotomia entre ambos os aspectos). Eu diria que ele cultiva uma religião humanista ou um humanismo religioso que milita contra sua própria colonização” (HAWS, 2010, pág. 17).

Qualquer ideia, filosofia ou *ethos* surgido em qualquer parte e que prime pelo cuidado com o outro deve se desterritorializar e ter efeito multiplicador. Precisamos cada vez mais de um *ethos* que se torne planetário para combater a ideologia neoliberal que se espalha com rapidez pelo globo. Em suma, apesar do *ethos* do Ubuntu ser originário da África, ele de fato é passível de mundializar-se. É de fácil identificação para quem tem ou valoriza uma visão sistêmica e holística da realidade. São valores da ancestralidade africana que, ao se desterritorializar, se tornam *ethos* da civilização mundial. Segundo Cornell (2010, p. 26),

O Ubuntu se justifica como uma prática ética universalizável do que significa ser um ser humano, visto que temos sempre, desde o início, obrigações para com os outros e precisamos expandir as necessidades de nossa humanidade tanto quanto possível para incluir todos aqueles que podem estar excluídos do registro da humanidade.

O sentido do Ubuntu é ter uma atitude amorosa com o outro. O que isto significa? Significa uma ética da compaixão inclusiva que não se restrinja apenas a um núcleo familiar, por exemplo, mas que seja abrangente. Parte do pressuposto de que não há ninguém que deva ser excluído, afinal, os vivos e os chamados mortos-vivos ou ancestrais e os ainda não-nascidos, fazem parte de uma mesma família. Então, embora tenha origem na África, a filosofia Ubuntu entende que a comunidade é toda a humanidade. Essa ênfase ajuda a

afirmar a importância da unidade na diversidade e a diversidade na unidade.

Há de se ressaltar a importância da alteridade no *ethos* Ubuntu no sentido da criação de uma democracia comunitária. De acordo com Leonardo Boff (2010) essa democracia prima pela organização popular em que todas as opiniões, apontamentos, diálogos, são ouvidos e respeitados sob o espírito comunitário da troca, da interdependência e da solidariedade. O bem comum na tomada de decisões é o princípio ético por excelência. Nas palavras de Boff (2010) “trata-se de uma democracia sociocósmica, onde todos os elementos são considerados portadores de vida e por isso incluídos na comunidade e com seus direitos respeitados”. A individualidade do outro é respeitada no sentido de que ninguém é estranho, caso contrário corre-se o risco de um comunitarismo totalitário, que ao invés de incluir é excludente porque não respeitaria posicionamento não alinhado com um ponto de vista único. A segregação e exclusão é o grande mal a ser evitado. A ideia é valorizar o ser pessoa no meio de outras pessoas. Cuidar do outro e de si mesmo dá-se da mesma forma que cuidamos da natureza e dos outros seres não-humanos. Como diz o psicólogo e filósofo sul-africano Dirk Louw (1998), “ser humano significa ser por meio de outros”.

A comunidade tem a primazia. Como somos seres comunitários, no Ubuntu, não há indivíduo, mas pessoa, sem ignorar que cada um de nós tem a sua subjetividade. Fortalece-se a “filosofia do nós” com a valorização da solidariedade e do respeito mútuo. Isso não significa em hipótese alguma que o indivíduo corre o risco de perder sua identidade pessoal e sua autonomia.

Na máxima ética do Ubuntu não há dilema ético no caso de ser obrigado a

escolher entre proteger a riqueza ou preservar a vida humana. Obviamente a opção se dará pela segunda alternativa. Dessa maneira tem-se um guia de conduta ético cuja razoabilidade é inquestionável. Imagine como esse referencial seria importante tanto para um líder governante quanto para os seus governados. Jamais pairaria a dúvida do que fazer ante uma pandemia, por exemplo, preservar a economia ou salvar vidas? Qual seria a prioridade?

Na filosofia Ubuntu as três esferas da comunidade: a dos vivos, a dos mortos-vivos (ancestrais) e a dos ainda não nascidos devem ter suas relações harmoniosas preservadas. Quem vai efetivar isso será a justiça e o direito como instrumento utilizado para alcançar tal finalidade em combate à vingança e à retaliação.

Sem dúvida, muitos povos desprezados pela globalização econômica e pelos mercados são aqueles que tem a solução para os nossos males contemporâneos ao privilegiar estilos de vida mais minimalistas e propor uma vida menos acelerada e mais equilibrada. O caos ecológico eminente já dá vários sinais de que nosso caminho precisa mudar. Como nos diz Leonardo Boff (2004), “ou mudamos, ou morremos”.

### **Alternativa ecopolítica**

É importante ressaltar o contraponto do Ubuntu com o racionalismo iluminista. Nesse último o indivíduo é colocado no centro por meio da crença no uso correto e moral de sua razão. A epistemologia do racionalismo ocidental é linear, exploradora e insustentável. Já no Ubuntu ocorre o contrário. A pessoa só é de fato humana caso faça parte de um coletivo humano. O que vai defini-la é sua humanidade para com os outros indivíduos. Assim, podemos perceber a antítese do Ubuntu a um modelo

capitalista neoliberal que reforça a competência e posturas pouco colaborativas entre todos em detrimento do coletivo. O dogma da competição desse modelo econômico é totalmente rechaçado pela metafísica da filosofia Ubuntu que segue a lógica da partilha e do cuidado mútuo.

O Ubuntu é uma epistemologia do sul que se coloca à margem de um sistema econômico capitalista excludente, afinal sua filosofia nativa espiritual se conecta com a Terra e com as demais espécies de seres vivos, seres estes desprezados por um modo de vida individualizado e pouco afeito às comunidades, às solidariedades humanas e à biodiversidade.

É por isso que o Ubuntu é reconhecido como a filosofia africana do humanismo ressaltando as formas nativas e espirituais de conhecer e ser. Essa está embasada em pressupostos significativos, tais como: o mutualismo, a empatia, a generosidade e o compromisso comunitário.

Um dos seus preceitos fundamentais é tornar-se humilde diante de outra pessoa, vendo-a de maneira igualitária. Vivemos num mundo de obrigações para com os outros, assim como os outros têm obrigações para conosco na busca pela singularidade. Há um imperativo moral para a criação e manutenção de uma comunidade humana e ética, uma moralização fundamental das relações sociais, aspecto imutável do Ubuntu.

O discurso do capitalismo é que não nos parece haver alternativas a esse sistema econômico. Na verdade, o que ocorre é um totalitarismo econômico que não nos dá o direito nem a oportunidade de escolher outro modelo de vida e existência. O Ubuntu é, entre outras, uma alternativa ecopolítica a esse modelo e que concatena com a sobrevivência da

humanidade. Pode-se dizer que é a antítese do materialismo capitalista.

Segundo Santos (2002), a “razão indolente” alimentada pelo colonialismo, positivismo, racismo científico, capitalismo selvagem, é uma espécie de razão cínica que só fez alimentar a injustiça e a incompreensão. A alternativa Ubuntu é uma entre tantas proposições na busca de uma emancipação social e uma grande contribuição para a construção de uma razão cosmopolita. O objetivo é aumentar o campo das experiências com a atenção voltada para novos possíveis e disponíveis e lutar contra os reducionismos de pensamento que, na práxis política, apenas privilegia a economia em detrimento de qualquer perspectiva humana ou não-humana.

Ubuntu é um dos pensamentos que compõem o pensamento alternativo, que enxerga o mundo sob o prisma da complexidade. Edgar Morin (2003), um dos maiores expoentes do pensamento complexo, critica o pensamento fragmentado e simplificador que não dá conta de lidar com o que devemos fazer com o conhecimento adquirido.

E é neste sentido, creio, que podemos colocar-nos o problema da complexidade, isto é, da dificuldade de permanecermos no interior de conceitos claros, distintos, fáceis, para concebermos a ciência, para concebermos o mundo em que estamos, para nos concebermos a nós na nossa relação com os outros e para nos concebermos a nós na nossa relação com nós mesmos, que é, afinal, a mais difícil (MORIN, 1984, p. 34).

Leonardo Boff há algum tempo, de maneira quase militante, tem sugerido a espiritualidade ecológica, na qual assume uma relação de responsabilidade para com todos os seres vivos. Trata-se de uma espiritualidade aberta à

pluralidade que não ignora as diferentes formas de vida humana e não-humana. Não há caminho único e uma verdade absoluta. Boff (2008) afirma que a ecologia não se restringe à proteção ambiental, mas também na busca de um cuidado integrador que desperte para a compreensão que todas as coisas se relacionam. Tudo que existe está conectado e é relacional.

O líder político sul-africano Nelson Mandela foi um dos expoentes políticos mais renomados do Ubuntu. Após sua libertação com o fim do apartheid, passou a ser o maior exemplo histórica da tradução do Ubuntu para a constituição de um projeto político multicultural. Na visão de Mandela somos todos galhos da mesma grande árvore, daí a sua ironia na crença ocidental nas árvores genealógicas. A experiência de Mandela é singular e universal.

Mandela não se furtava em pedir ajuda e conselho aos outros porque ao mesmo tempo em que lhes transmitia poder atraía mais aliados. Seguindo o preceito Ubuntu, o poder de cada um deriva de todos os outros e é nessa interação que vai se constituindo uma força ética.

Essa crença no outro não é ingênua. Mandela dizia que “*a bondade é uma chama que pode ser escondida, mas jamais extinta*”. O longo tempo que passou na prisão o ensinou que ninguém é inteiramente bom ou inteiramente mau, mas quando procuramos ver o melhor no outro, indiretamente estamos ajudando-o a melhorar (MATEUS, 2010).

A governamentalidade planetária vai depender de muita compreensão, muito compartilhamento, solidariedade e, principalmente o mais difícil, a noção mínima de que vivemos numa mesma casa comum e precisamos cuidar uns dos outros para viver em paz sob o prisma da

não-violência. É como indica a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (2020), para a qual o conceito de interdependência deve ser tratado como a base da igualdade social e política. Ou seja, temos obrigações com o outro independente da forma como esse outro se apresenta

### Altruísmo radical

O Ubuntu pode ajudar a reconstruir uma ética, sobretudo no mundo ocidental, com preceitos até então desprezados pelas grandes nações. Não há momento melhor para que essa questão emergja desde que fomos assolados por uma pandemia de grandes proporções nesse ano de 2020. Alternativas precisam ser postas para que possamos construir um “novo normal”. A tríade materialismo, individualismo e competição está fadada ao fracasso, isso é mais do que evidente.

O fortalecimento de uma pequena elite econômica, a crescente exploração das classes mais baixas, o desprezo pelas diferenças, a maximização dos lucros, bem como a devastação do meio ambiente, são elementos que não mais se sustentam e mostram claros sinais de esgotamento pela própria falta de humanidade que consigo carregam.

A ética do Ubuntu seria uma alternativa viável contra essa lógica nefasta com a possibilidade concreta de criar uma outra realidade a partir de uma filosofia nativa espiritual que realmente restabelece uma conexão com a natureza. Ela não é exclusiva, temos ainda as éticas indígenas, orientais, andinas que têm esse ponto como algo comum.

Procura introduzir uma lógica de esperança transformadora e que reconcilie o humano com a natureza e consigo próprio. Só posso ter esse tipo de reconciliação desde que eu me reconcilie com o Outro. Coloca o sujeito, portanto, numa condição relacional. Aqui é

possível resgatar a ética da alteridade do filósofo Emmanuel Levinas (2010). Segundo Melo (2013, p. 219),

A definição do estatuto ético da alteridade em Levinas supõe, como se pode ver, a invenção do poder do sujeito pela potência-impotência do outro: a interdição de não matar, a deferência absoluta ao outro e a responsabilidade, o eis-me aqui põem-se no estado de vigilância de não reduzir a relação face-a-face a uma farsa egológica. O estatuto não se põe como mediação que visa a um fim. Ele não é uma mediação, mas uma modalidade de uma relação que faz do sujeito alguém que padece pelo outro. Sofrer pelo outro sem esperar nada: sofrimento que não tem nada de heroico. Sofrimento inútil, sem mérito, mas que não resvala no niilismo. A interdição carrega implicitamente um elemento que impede uma degeneração absoluta do sujeito: o Desejo do Bem.

Os seres humanos estão sempre em consonância uns com os outros. Na filosofia africana, o teólogo e filósofo Tshiamalenga Ntumba (2010) tem interpretado o Ubuntu em termos de *Bisoidade*. Tal prática se caracterizaria pela abertura ao diferente, encará-lo como parte de nós. Esse conceito vislumbra o encontro ético e político do “Nós”. Trata-se do “nós ecológico”. As crises políticas, econômicas, culturais e sociais que têm afetado não apenas o continente africano, mas o planeta como um todo, ocorrem porque o ser humano se esqueceu de cuidar do “biso” ou do “nós ecológico” (MALOMALO, 2010).

Se uma pessoa faz mal para uma outra da comunidade, o malfeitor deve compensar a pessoa a qual fez o mal. Apenas estando juntos valerá o esforço para se alcançar um bem público e zelar pela vida em convivência mútua. Cada um de nós nessas relações sociais está

produzindo ao mesmo tempo um ser humano ético. Trata-se de uma equação simples, vida humana é o mesmo que vida ética.

Conviver significa conduzir a vida junto com outros, participando e se interessando pelas suas condutas e ações. Essa convivência constrói coletivamente saberes, práticas e diálogos que beneficiam a busca pelo Bem Comum que mantém e orientam as utopias para pensar o futuro enquanto “o possível” e “o alcançável”.

Podemos fazer uma forte referência com o que nos diz o filósofo Immanuel Kant (2001) para pensar a herança intelectual do humanismo africano, afinal, para Kant, a liberdade é inseparável da obrigação. Essa obrigação moral é o fundamento da organização social, cujos hábitos, costumes e cultura de um povo irão fundamentá-la, sem esquecer que essa fundamentação, na perspectiva kantiana, sempre passa pelo crivo da reflexão crítica do ser racional de consciente. Nesse sentido, a ética Ubuntu nos ajuda muito a pensar sobre o desenvolvimento como liberdade sob o ponto de vista de uma obrigação moral para com os outros.

O professor de economia e filosofia indiano Amartya Sen (2010) procura fazer uma crítica às noções econômicas unilaterais de crescimento e desenvolvimento. Esse tem que estar diretamente associado a melhoria das condições de vida dos indivíduos e com o fortalecimento das liberdades. Os indivíduos têm que ter recebido as garantias suficientes que lhe possa assegurar a autonomia adequada para que eles estejam livres para fazerem suas escolhas para viver a vida que deseja.

Nesse sentido, destaco outra referência de diálogo com a ética Ubuntu enquanto uma utopia concreta e altruísta de transformação. Em seu livro “O poder da empatia, a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo” (2015), o filósofo Roman Krznaric se coloca como um militante internacional da empatia, habilidade de se colocar no lugar de alguém e ver o mundo através desse outro olhar. A era de olhar para dentro de si, num exercício introspectivo e de reforço do individualismo, deve ser agora impulsionada para uma era em que a empatia possa ser aprendida e incentivada. Como exemplo cito uma lenda africana sobre o Ubuntu, a qual denomino como uma espécie de manifesto antropológico da utopia Ubuntu, sobre cooperação, igualdade e respeito.

Conta-se que um antropólogo ao visitar uma tribo africana, quis saber quais eram os valores humanos básicos daquele povo. Para isso, ele propôs uma brincadeira às crianças. Ele então colocou uma cesta cheia de frutas embaixo de uma árvore e disse para as crianças que a primeira que chegasse até a árvore poderia ficar com a cesta. Quando o sinal foi dado, algo inusitado ocorreu. As crianças correram em direção à árvore todas de mãos dadas. Assim, todas chegaram juntas ao prêmio e puderam desfrutar igualmente. O homem ficou bastante intrigado e perguntou: — Por que vocês correram juntos se apenas um poderia ganhar todas as frutas? Ao que uma das crianças prontamente respondeu: — Ubuntu! Como um de nós poderia ficar feliz enquanto os outros estivessem tristes? O antropólogo ficou então emocionado com a resposta.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Esse caso foi narrado pela jornalista e filósofa Lia Diskin durante o Festival Mundial da Paz, realizado em Florianópolis, em 2006. Disponível

<https://domtotal.com/periscopio/1176/2011/09/sou-quem-sou-porque-somos-todos-nos/>. Acesso

O psicólogo Michel Tomasello afirma que a essência do humano está no altruísmo e na cooperação. “No altruísmo um se sacrifica pelo outro. É a empatia. Na cooperação muitos se unem em vista de um bem comum” (TOMASELLO, 2010, p. 14). Penso que o maior desafio posto pelo Ubuntu é como sair do altruísmo filantrópico e adentrarmos num altruísmo que possa de fato estruturar nossas relações sociais e nossas ações numa espécie de refundação ontológica.

### Considerações finais

Com a diáspora africana, o Ubuntu também é exportado, mas recontextualizado para o território local. No caso brasileiro, por exemplo, Ubuntu foi significado de solidariedade e resistência. A nossa história até hoje manchada pelo escravismo e racismo geraram problemas e exclusões sociais gigantescos, além do desprezo aos direitos políticos, econômicos, sociais e culturais de muitos indivíduos que sofrem as sequelas de uma época brutal de nossa história. Nesse sentido, Ubuntu não só pode ser qualificado com uma esperança, mas como o fundamento necessário para a implementação de políticas públicas e sociais a fim de construir de maneira efetiva a utopia concreta.

Reconciliação na perspectiva do Ubuntu, no Brasil atual, é um encontro entre nós mesmos, com o nosso passado de dor, resistência e esperança. É um encontro entre nós mesmos como povo brasileiro. Um povo marcado pela miscigenação emancipatória e não um falso discurso de miscigenação colonialista. A diferença é que o primeiro discurso assume a pluralidade como valor, já o

segundo o nega e o encara como uma ameaça (MALOMALO, 2010, p. 22).

A cosmovisão africana do mundo também é de fundamental importância no sentido de contribuir para o pensamento ecológico contemporâneo. Os seres humanos são múltiplos, complexos. A cosmovisão africana não nos deixa esquecer disso. Será que conseguiremos construir a utopia concreta de parar de confrontar a natureza e encontrar o caminho de volta para casa, ou seja, a própria habitação digna e condigna no planeta Terra?

Resgatar e valorizar o Ubuntu também é fazer um *mea culpa* histórico com os povos oprimidos e reconhecer que esse tipo de filosofia, ética, conhecimento, é também o que pode nos salvar da extinção.

Não vejo outra maneira de se pensar e fazer política hoje sem incorporar o Ubuntu, não só para a elaboração de um projeto nacional coletivo, mas também de uma ética planetária que nos reconcilie consigo próprio e uns com os outros. Precisamos resgatar o conceito de Bem-Estar e Bem-Viver.

De maneira poética uma das maiores traduções, podemos dizer assim, do Ubuntu, para o estabelecimento de uma consciência planetária tenha sido formulada pelo papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa Comum: “Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs, numa peregrinação maravilhosa... que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe Terra” (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 92).

---

em 26/05/2020. Há pesquisadores da Filosofia Ubuntu que dizem que essa história não é real.

**Referências**

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_, Leonardo. **Um design ecológico para a democracia**. Disponível em <http://sustentabilidadenaopalavraeacao.blogspot.comhttp://sustentabilidadenaopalavraeacao.blogspot.com/2010/07/leonardo-boff-um-design-ecologico-para.html>. Acesso em 21/05/2020.

\_\_\_\_\_, Leonardo. **Apresentação**. In: ABDALLA, Mauricio. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005

BUTLER, Judith. **The Force of Nonviolence: An Ethico-Political Bind**. New York: Verso Books, 2020

CAPRA, Fritjof e STEINDL-RAST, David. **Pertencendo ao universo – Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

CORNELL, Drucilla. **As relações entre o “eu” e o “outro”**: o Ubuntu como prática ética da singularidade. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Ed. 253, p. 23-26, dez/2010.

HAWS, Charles. **O Ubuntu é liberdade indivisível**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Ed. 253, p. 14-18, dez/2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KRZNARIC, ROMAN. **O poder da empatia: A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do desenvolvimento sereno**. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2010.

LOUW, Dirk J. **Ubuntu: An African Assessment of the Religious Other**. Twentieth World Congress of Philosophy, 1998.

MALOMALO, Bas’Ilele. **“Eu só existo porque nós existimos”**: a ética Ubuntu. Revista do

Instituto Humanitas Unisinos, Ed. 353, p. 19-22, dez/2010.

MATEUS, Antonio. **Mandela – A construção de um homem**. Alfragide, Portugal: Oficina do Livro, 2010.

MELO, Nélvio Vieira de. **A Ética da alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: INSAF, 2003.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Mcm Martins. Publicações Europa-América, 1984.

\_\_\_\_\_, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

NTUMBA, Tshiamalenga. **“Eu só existo porque nós existimos”**: a ética Ubuntu. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Ed. 353, p. 21, dez/2010.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si’ Louvado Sejas – Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

\_\_\_\_\_, Mogobe B. **The ethics of ubuntu**. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds.). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, p. 324-330, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia - Reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOMASELLO, Michael. **Warum wir kooperieren**. Berlin, Suhrkamp 2010.

TUTU, D. **Ubuntu. A filosofia Ubuntu**. Disponível em: <http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia-ubuntu.html>. Acesso em 18/05/2020.

Recebido em 2020-05-26  
Publicado em 2021-03-06